



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Serviço Social, Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional

Sub-Eixo: Ênfase em Formação Profissional

ALTERAÇÕES NO PERFIL DOS ESTUDANTES DE SERVIÇO SOCIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE EM CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ

Carlos Antonio de Souza Moraes¹

Claudia Mara dos Santos Barbosa Alvarenga²

Isabel Cristina Chaves Lopes³

Juliana Thimóteo Nazareno Mendes⁴

Leda Regina Barros da Silva⁵

Valter Martins⁶

Resumo: Este artigo objetiva descrever e analisar dados referentes ao perfil dos estudantes de graduação em Serviço Social da UFF em Campos, RJ, entre 2015 e 2018. Recorre a estudo bibliográfico e pesquisa de campo realizada com 148 discentes ingressantes no Curso. Seus resultados apontam alterações relativas a faixa etária; cor/raça; e ao número de estudantes que trabalham, dentre outros.

Palavras-chave: Estudantes de Serviço Social; perfil; ensino superior.

Abstract: This article aims to describe and analyze datos regarding the profile of undergraduate students in Social Work at UFF in Campos, RJ, between 2015 and 2018. It uses a bibliographic study and field research conducted with 148 students entering the Course. Their results indicate changes related to age group; color / race; and the number of working students, among others.

Keywords: Social Work Students; profile; higher education.

I INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva apresentar a descrição e análise de dados referentes ao perfil dos estudantes do Curso de graduação em Serviço Social da Universidade Federal Fluminense em Campos dos Goytacazes/RJ em 2015, 2016, 2017 e 2018.

Esta proposta é resultado da parceria realizada entre o Núcleo Docente Estruturante (NDE, 2017-2021), a Coordenação do Curso de Serviço Social (2017-2021) e o Setor de Assistência Estudantil da UFF/Campos. Esse último tem realizado o acompanhamento das alterações do perfil dos estudantes de todos os cursos de graduação da Instituição

¹ Professor com formação em Serviço Social, Universidade Federal Fluminense, E-mail: as.carlosmoraes@gmail.com.

² Professor com formação em Serviço Social, Universidade Federal Fluminense, E-mail: as.carlosmoraes@gmail.com.

³ Professor com formação em Serviço Social, Universidade Federal Fluminense, E-mail: as.carlosmoraes@gmail.com.

⁴ Professor com formação em Serviço Social, Universidade Federal Fluminense, E-mail: as.carlosmoraes@gmail.com.

⁵ Professor com formação em Serviço Social, Universidade Federal Fluminense, E-mail: as.carlosmoraes@gmail.com.

⁶ Professor com formação em Serviço Social, Universidade Federal Fluminense, E-mail: as.carlosmoraes@gmail.com.

mencionada, desde o ano de 2015, por meio do preenchimento de um questionário de pesquisa por parte dos discentes e disponibilizado on-line através do software "Survio", uma vez que se trata de uma realidade institucional local ampliada em seu aporte estrutural acadêmico com mais de 08 cursos de graduação, integrando mais de 3 mil matrículas.

Para o estudo do perfil dos estudantes de Serviço Social, selecionou-se os dados vinculados a 148 discentes ingressantes nesse curso entre os anos de 2015 a 2018. A análise do perfil desses discentes será construída a partir das seguintes variáveis: sexo, faixa etária, raça/etnia, se é proveniente de Campos/RJ, onde residirá durante o período letivo, Estado que reside com a família, situação trabalhista do discente, valor da renda familiar, forma de ingresso na UFF e motivo de escolha do Curso de Serviço Social.

A definição dessas variáveis é decorrente das questões que orientam esta pesquisa, a saber: Quem são os atuais estudantes do curso de Serviço Social da UFF/Campos? Que semelhanças e diferenças existem entre os atuais estudantes de Serviço Social e os estudantes dos anos passados? Quais suas condições socioeconômicas? Qual sua atual condição perante o mercado de trabalho? Qual o principal motivo que os levaram a escolher o curso? As respostas a essas perguntas são fundamentais para pensar a formação profissional que se deseja, bem como a estrutura curricular e as políticas institucionais da Universidade e do curso de Serviço Social.

É importante destacar que o curso de Serviço Social da UFF/Campos, historicamente, tem se preocupado com a identificação e análise do perfil de seus estudantes. Em nossos arquivos, verificou-se pesquisas sobre a temática realizadas em 1994, 2000 e 2011. Além dessas pesquisas que propiciarão análises comparativas entre o perfil dos estudantes do Curso, este artigo se fundamentará no perfil profissional do assistente social desenhado através das Diretrizes Curriculares (1996), do Código de Ética (1993) e da Lei de Regulamentação da Profissão (8.662/93).

Diante disso, destaca-se que, entre a tendência predominante de imprimir uma lógica mercantil, empresarial e operacional à universidade e a tentativa de preservação dessas Diretrizes nos cursos de ensino superior, é possível sinalizar que há, na arena ético-política, uma luta pela hegemonia do projeto profissional do Serviço Social brasileiro a partir de fins do século XX. E essa batalha não pode ser desenvolvida sem uma vigilância constante da realidade social, estudos e investigações científicas, articulações políticas entre os profissionais e organizações da categoria, a fim de compreender como esse processo de precarização e mercantilização da política e dos serviços de educação atingem as instituições superiores de ensino e incidem na formação do assistente social.

Observa-se, portanto, desafios complexos à formação do bacharel em Serviço Social, sobretudo pelo fato da Política de Educação Nacional se inserir no contexto de contrarreforma, por meio de medidas e diretrizes adotadas pelo Estado brasileiro, que reconfiguram os direitos sociais conquistados na Constituição Federal de 1988.

Nesse cenário, a formação do perfil profissional delineado pela ABEPSS (1996), torna-se um grande desafio. Para tanto, é necessário identificar e analisar o perfil do aluno que ingressa no curso de Serviço Social e acompanhar suas possíveis alterações ao longo dos anos. Além disso, reconhece-se aqui, o estudante como aquele que deve assumir o papel de sujeito no ato de estudar, ato ou atitude frente ao mundo, que emerge da reflexão e da crítica (FREIRE, 1980). Isso significa que ser estudante é estar aberto a novas possibilidades de ver, a novas dimensões do conhecer e caminhar na vida. Pensar a partir dessa perspectiva corrobora para o fato de que compreender o estudante enquanto categoria social envolve as relações interpessoais e às manifestações vinculadas à situação de classe, além da referência aos processos de transformação da sociedade.

II O PERFIL DOS ESTUDANTES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL NA UFF EM CAMPOS, RJ: uma análise de dados produzidos entre 2015 e 2018

Inicialmente, destaca-se que, entre os anos de 2015 a 2018 houve poucas variações referentes ao “sexo” dos estudantes, predominando o sexo feminino que, nos anos de 2017 e 2018, atingiu seus maiores percentuais, conforme o quadro 1.

| SEXO | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 |
|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| FEMININO | 90% | 88,89% | 93,55% | 93,75% |
| MASCULINO | 10% | 11,11% | 6,45% | 6,25% |

Quadro 1. Sexo

FONTE: Adaptado da Assistência Estudantil UFF/Campos, 2018

A identidade feminina na profissão de Serviço Social é histórica e tem sido comprovada por pesquisas realizadas em diferentes regiões do País. Piana (2008), Martins (2010), Prada e Garcia (2017) apresentam dados que ultrapassam o índice de 90% entre os profissionais do sexo feminino no Serviço Social. Além disso, em 2005, o Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) divulgou que 97% dos assistentes sociais brasileiros eram do sexo feminino.

No que se refere à faixa etária, verifica-se a predominância, entre 2015 a 2018 de estudantes ingressantes com idade entre 16 a 19 anos, seguida por 20 a 24 anos entre os anos de 2016 a 2018. Observa-se ainda que, quantitativamente, tem sido pouco expressivo

na graduação em Serviço Social da UFF/Campos estudantes com faixa etária superior a 39 anos, conforme o quadro 2.

| FAIXA ETÁRIA | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 |
|-----------------|--------|--------|--------|--------|
| 16 A 19 ANOS | 50% | 55,55% | 51,61% | 50% |
| 20 A 24 ANOS | 17,50% | 29,03% | 29,03% | 40,63% |
| 25 A 39 ANOS | 32,50% | 12,90% | 12,90% | 9,38% |
| 40 A 59 ANOS | - | 6,45% | 6,45% | - |
| 60 ANOS OU MAIS | - | - | - | - |

Quadro 2. Faixa etária

FONTE: Adaptado da Assistência Estudantil UFF/Campos, 2018

Ao comparar tais dados com os produzidos no relatório sobre o perfil do aluno do Curso de Serviço Social da UFF/Campos em 2011, observa-se alterações significativas referentes à faixa etária dos discentes. Naquele relatório, identificou-se que 6% dos alunos possuíam até 18 anos; 34% de 19 a 21 anos; 22% de 22 a 25 anos; 11% de 26 a 30 anos; 14% de 31 a 40 anos; 12% mais de 40 anos; e 1% não respondeu.

Portanto, os dados de 2011 demonstravam maior variação na faixa etária dos estudantes e, particularmente, índice significativo (12%) daqueles com mais de 40 anos. Já os dados atuais (2015 a 2018) têm reafirmado uma característica tradicional da Universidade, o fato dela ser frequentada por jovens advindos do Ensino Médio.

No geral, além da faixa etária retratar a predominância da população jovem, com todas as demandas sociais a ela impostas, somadas às que são próprias de seu desenvolvimento social e intelectual, há que se ressaltar sobre o contexto histórico-social peculiar de sua formação social a partir dos anos de 1990. Aspectos que nos permitem desvelar características de um contexto marcado pelo avanço do neoliberalismo no Brasil, reestruturação produtiva e a forte tendência à privatização da saúde e da educação, com impactos significativos no cotidiano de vida dos trabalhadores e suas famílias.

Em relação a autodeclaração de raça/etnia observa-se a predominância e crescimento dos discentes que se declararam “brancos” entre os anos de 2015 a 2018, seguido por aqueles que se declararam “pardos” em 2015 e 2017 e, por aqueles que se declararam “negros”, em 2016 e 2018, conforme detalhado no quadro 3.

| RAÇA/ETNIA | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 |
|------------|--------|--------|--------|--------|
| NEGRO | 25% | 31,11% | 22,58% | 28,13% |
| BRANCO | 35% | 46,67% | 48,39% | 50% |
| PARDO | 32,50% | 22,22% | 29,03% | 21,88% |
| INDÍGENA | - | - | - | - |

| | | | | |
|-------|-------|---|---|---|
| OUTRO | 7,50% | - | - | - |
|-------|-------|---|---|---|

Quadro 3. Autodeclaração de raça/etnia

FONTE: Adaptado da Assistência Estudantil UFF/Campos, 2018

Entre os estudantes do Curso de Serviço Social de Campos, observa-se a partir das autodeclarações, um decréscimo dos alunos negros em contraposição ao crescimento dos brancos, apesar do somatório entre negros e pardos ser, entre 2015 e 2017, superior aos brancos e, no ano de 2018, atingir percentual igual.

Uma questão que fica é, se houve, nessa conjuntura, uma redução da entrada de negros no curso de Serviço Social da UFF/Campos, ou se houve uma retração no avanço do processo de reconhecimento da condição de negro por parte de negros e pardos que participaram desse processo e sua possível relação com o quadro macropolítico da época.

A respeito da pertença étnico-racial, os dados nacionais referentes aos profissionais de Serviço Social produzidos pelo CFESS (2005) também indicaram, naquele momento, a predominância do autorreconhecimento como “brancos”. Segundo o Conselho:

A maioria das (os) profissionais se identificou como branca (72,14%); em seguida aparecem as (os) pretas (os) /negras (os) (20,32). Contudo, apareceram mais 10 variáveis de autodeclaração étnico racial. Os índices da pertença ao grupo das (os) pretas (os) /negras (os) foram maiores no Norte (37,50%) e no Nordeste (32,88%), o que fez diminuir os índices da pertença branca (46,88% e 50,68%, respectivamente). Em contrapartida, os índices desta última crescem no Sudeste (79,58%) e mais ainda no Sul (93,23%), onde só aparecem 5,26% de pretas (os) /negras (os). (p. 21).

Por outro lado, as análises bibliográficas mais atuais têm sinalizado para o crescimento no número de assistentes sociais “pardas” ou “negras”. Além desse aspecto, Lima (2014) e Iamamoto (2014) também ressaltaram que esse é o perfil de suas usuárias, muitas delas vítimas de violência e discriminação no mundo privado e público.

A partir dos dados apresentados, observa-se que, tanto no que tange aos alunos do Curso de Serviço Social de Campos, quanto no que se refere ao perfil do assistente social brasileiro, estamos diante de uma profissão que está cunhada por uma grande presença feminina negra. O fato, que não será aqui explorado com maior detalhamento, instiga, no entanto, a reflexões de diversas ordens que, talvez, em outro momento oportuno, possa vir a ser objeto de maior análise e exposição dos autores deste artigo.

No que se refere à cidade de origem dos estudantes de Serviço Social, em 2015 verificou-se que a maioria dos discentes *não* eram provenientes de Campos. Esse percentual se altera entre os anos de 2016 e 2017, em que se constata a predominância de discentes provenientes dessa cidade. Já em 2018, os índices se igualam entre os alunos provenientes de Campos ou de outros Municípios, conforme detalhado no quadro 4.

| PROVENIENTE DE CAMPOS? | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 |
|------------------------|------|--------|--------|------|
| SIM | 40% | 57,78% | 51,61% | 50% |
| NÃO | 60% | 42,22% | 48,39% | 50% |

Quadro 4. É proveniente de Campos dos Goytacazes

FONTE: Adaptado da Assistência Estudantil UFF/Campos, 2018

A análise do quadro 4 também indica crescimento no número de alunos que residem no Município de Campos em relação ao ano de 2015, embora possamos observar que o maior índice foi em 2016. Contudo, ainda com essa observação e a oscilação dos dados, é possível afirmar que cerca da metade dos discentes residem na Cidade e a outra metade em outro Município.

Esses dados contribuem para compreensão de que, em 2015, muitos desses discentes, ao se matricularem, ainda não sabiam onde residiriam durante o período letivo. Já nos anos de 2016 e 2017, houve predominância daqueles que afirmaram que residiriam em república e, em 2018, com a família na cidade de origem.

Outro elemento a se considerar é que não são significativos os percentuais daqueles que, durante o período letivo, residirão com a família nesse Município, ainda que cerca da metade dos estudantes sejam de Campos. Esse dado indica que alguns alunos residem na Cidade, sozinhos, em pensionato ou que, ainda que sejam do Município, têm também optado por morar em república.

| ONDE RESIDIRÁ | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 |
|-------------------------------|--------|--------|--------|--------|
| REPÚBLICA | 15% | 20% | 16,13% | 6,25% |
| COM FAMILIARES EM CAMPOS | 5% | 4,44% | 9,68% | 3,13% |
| SOZINHO | 5% | - | 3,23% | - |
| PENSIONATO | 2,50% | - | - | - |
| COM A FAMÍLIA NA CIDADE NATAL | 15% | 6,67% | 12,90% | 21,88% |
| NÃO RESPONDEU | 40% | 57,58% | 51,61% | 50% |
| NÃO SABE | 17,50% | 11,11% | 6,45% | 18,75% |

Quadro 5. Onde residirá durante o período letivo?

FONTE: Adaptado da Assistência Estudantil UFF/Campos, 2018

No que se refere àqueles que residem com a família, verificou-se que entre os anos de 2015 a 2018, a grande maioria é do Estado do Rio de Janeiro, embora seja possível observar em índices menos significativos, aqueles estudantes advindos do Espírito Santo, Minas Gerais e São Paulo, conforme quadro 6.

| ESTADO | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 |
|----------------|------|------|--------|--------|
| RIO DE JANEIRO | 55% | 40% | 45,16% | 46,88% |
| ESPIRITO SANTO | 5% | - | - | 3,13% |

| | | | | |
|---------------|-----|--------|--------|-----|
| MINAS GERAIS | - | - | 3,23% | - |
| SÃO PAULO | - | 2,22% | - | - |
| NÃO RESPONDEU | 40% | 57,78% | 51,61% | 50% |

Quadro 6. Estado em que reside com a família

FONTE: Adaptado da Assistência Estudantil UFF/Campos, 2018

Por ligar a Zona da Mata Mineira e o Sul do Espírito Santo à capital do Rio de Janeiro, a região Norte Fluminense e, especialmente, a Cidade de Campos dos Goytacazes, são dotadas de uma localização geográfica que lhe concede ainda mais diferenciação ante as demais regiões.

A respeito desses elementos, os documentos produzidos em 1994, 2000 e 2011 sobre o perfil do aluno do Curso de Serviço Social da UFF/Campos apresentam significativas contribuições: Em 1994, constatou-se que 5,9% dos alunos eram de outros Municípios e/ou Estados. Na pesquisa realizada em 2000, identificou-se que 22,9% dos discentes eram de outras localidades, demonstrando crescimento de 17% em comparação com dados disponibilizados em 1994. Já em 2011, verificou-se que 30% dos alunos do curso residiam fora da Cidade de Campos dos Goytacazes/RJ. Moraes (2011) ressaltou ainda que, ao somar esse percentual com aqueles oriundos de outras localidades, mas que se fixaram em Campos/RJ, provisoriamente, para estudar, constata-se que 44,4% dos alunos são de outros Municípios e/ou Estados.

Em 2018, verificou-se que 50% dos alunos não são provenientes de Campos dos Goytacazes, RJ, o que apresenta crescimento de 20% em relação àqueles que residiam fora da Cidade nos anos de 2011; 27,1% em relação a 2000 e, 43,1% comparado a 1994.

Esses percentuais demonstram que a UFF/Campos no curso de Serviço Social, existente há 56 anos, vem se tornando referência na região Norte e Noroeste Fluminense e para além dela, ao incluir alunos de outros Estados.

Obviamente essas questões trazem implicações para os discentes e para própria Universidade, seja referente a horários e condições de transporte para aqueles que são de fora, percorrendo mais de 100 km para chegarem à UFF, seja no que concerne ao alojamento, à alimentação e às bolsas de assistência estudantil. Tais fatores já tinham sido destacados nas pesquisas anteriores (2000 e 2011), embora, naquele momento, o processo de expansão por meio do REUNI, que a UFF/Campos viveu nos anos 2000, ainda não estivesse ocorrendo ou estava no meio de seu transcurso.

Em relação à situação trabalhista do aluno, observa-se, em todos os anos acompanhados (2015 a 2018) pela pesquisa atual, a predominância daqueles que não estão trabalhando. Em 2015, o índice alcança 90% dos discentes, contudo, em 2016 esse índice

reduz para 68,89% e, nos anos de 2017 e 2018, há um crescimento para mais de 70% dos alunos que não estavam trabalhando durante a pesquisa, conforme o quadro 7:

| SITUAÇÃO TRABALHISTA | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 |
|-----------------------------|-------|--------|--------|--------|
| TRABALHADOR COM VÍNCULO | 7,50% | 24,44% | 16,13% | 9,38% |
| TRABALHADOR SEM VÍNCULO | 2,50% | 4,44% | 9,68% | 12,50% |
| NÃO ESTÁ TRABALHANDO | 90% | 68,89% | 74,19% | 78,13% |
| BENEFICIÁRIO DA PREVIDÊNCIA | - | 2,22% | - | - |

Quadro 7. Situação trabalhista do discente

FONTE: Adaptado da Assistência Estudantil UFF/Campos, 2018

Diante desses dados, um fato a se considerar é que a partir de 1970 pesquisas (CARDOSO; SAMPAIO, 1994) constatam a heterogeneidade do estudante, demarcando que muitos deles conciliam o trabalho com sua formação universitária. Esses diagnósticos permitiram as seguintes diferenciações, afirmadas por Romanelli (1994) acerca do estudante do ensino superior:

- 1) Estudante em tempo integral: é mantido pela família e se dedica exclusivamente aos estudos, independente do turno (diurno, noturno, integral);
- 2) Estudante-trabalhador: trabalha, no entanto, ainda é dependente financeiramente de seus familiares;
- 3) Trabalhador-estudante: além de não depender dos familiares, contribui, muitas vezes, para o orçamento doméstico. A família não tem condições financeiras para mantê-lo e/ou não julga a escolarização universitária relevante investimento para o filho. Assim, o estudo depende do investimento, disposição e aspiração pessoal deste último, incentivada, às vezes, pela família.

Observa-se entre os anos de 2015 e 2018 a predominância de “estudantes em tempo integral”. Esse dado se contrapõe aos produzidos em 1994, 2000 e 2011, apesar de se verificar a queda desses números registrada por essas pesquisas.

Em 1994 verificou-se que 76,5% dos estudantes do Curso de Serviço Social da UFF/Campos eram trabalhadores; em 2000, o número de estudantes trabalhadores é reduzido para 64,2%; em 2011, identificou-se que 54% dos alunos do Curso trabalhavam; já em 2018, esse número reduz para 21,88%.

Contudo, é necessário ressaltar que as pesquisas realizadas em 1994, 2000 e 2011 consideraram os alunos bolsistas na categoria de “estudantes trabalhadores”. Já as pesquisas realizadas entre 2015 e 2018 abordaram os ingressantes do Curso e que, portanto, naquele momento, ainda não haviam tido acesso a bolsas disponibilizadas pela Universidade.

No que se refere à renda familiar do discente, observa-se entre os anos de 2015 e 2016, a predominância de famílias recebendo entre 02 a 03 salários mínimos. Já em 2017, o principal índice referente a renda familiar foi entre 01 a 02 salários mínimos e, em 2018, houve a mesma proporção de respostas entre aqueles que responderam que suas famílias recebem até $\frac{1}{2}$ salário mínimo e aqueles que responderam que suas famílias recebem entre 02 e 03 salários mínimos conforme o quadro 08.

| VALOR | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|
| SEM RENDIMENTOS | 5% | 11,11% | - | 3,13% |
| ATÉ $\frac{1}{2}$ SALÁRIO MÍNIMO | 20% | 17,78% | 12,90% | 21,88% |
| MAIS DE $\frac{1}{2}$ ATÉ 1 SALÁRIO MÍNIMO | 7,50% | 4,44% | 19,35% | 9,38% |
| MAIS DE 1 ATÉ 2 SALÁRIOS MÍNIMOS | 30% | 28,89% | 29,03% | 25% |
| MAIS DE 2 ATÉ 3 SALÁRIOS MÍNIMOS | 27,50% | 26,67% | 22,58% | 21,88% |
| MAIS DE 3 ATÉ 5 SALÁRIOS MÍNIMOS | 10% | 6,67% | 16,13% | 18,75% |
| MAIS DE 5 SALÁRIOS MÍNIMOS | - | 4,44% | - | - |

Quadro 08. Valor da renda familiar

FONTE: Adaptado da Assistência Estudantil UFF/Campos, 2018

Nesse contexto, é válido considerar que esses discentes residem, em todos os anos analisados, predominantemente com 02 a 04 pessoas em suas famílias, incluindo o próprio aluno. Dado significativo a ser ressaltado é que a terceira opção mencionada é de discentes que residem sozinhos.

Diante desses dados, observa-se que apesar da maioria dos discentes se dedicarem integralmente aos estudos e residirem com até 04 pessoas, a renda familiar que, tende a custear suas necessidades e de suas famílias, não ultrapassa 03 salários mínimos.

Tais dados sinalizam para a condição de classe das famílias desses estudantes e indicam que os estudos dos jovens universitários do Curso de Serviço Social da UFF/Campos têm sido uma de suas prioridades, ainda que possuam poucos recursos financeiros. Além disso, apontam que os gastos financeiros referentes a material escolar, transporte, alimentação, dentre outros, tornam tais discentes potenciais usuários da Assistência Estudantil da Universidade em busca de bolsas de permanência no ensino superior.

Quanto à forma de ingresso na Universidade, houve predominância entre 2015 e 2017, por meio do SISU – sistema de Cotas. Em 2018, esse índice é igualado ao do SISU – ampla concorrência, conforme o quadro 09.

| INGRESSO | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 |
|-------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| SISU-AMPLA CONCORRÊNCIA | 47,50% | 46,67% | 48,39% | 50% |
| SISU – SISTEMA DE COTAS | 52,50% | 53,33% | 51,61% | 50% |

Quadro 09. Forma de ingresso na UFF

FONTE: Adaptado da Assistência Estudantil UFF/Campos, 2018

Não se pode deixar de considerar que a entrada pelo SISU pode ter contribuído para o aumento de estudantes provenientes de outros municípios, bem como pela ampliação do número de estudantes com renda familiar de até 2 salários mínimos. Fato que vem contribuindo para o aumento do acesso dos segmentos de classe mais empobrecidos ao ensino superior.

Por fim, objetivou-se identificar o principal motivo de escolha do Curso de Serviço Social, e verificou-se em todos os anos acompanhados, a predominância do item “identificação com o curso”.

| MOTIVO | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 |
|---------------------------|--------|--------|--------|--------|
| MERCADO DE TRABALHO | 5% | 15,56% | 6,45% | 9,38% |
| IDENTIFICAÇÃO COM O CURSO | 87,50% | 80% | 90,32% | 84,38% |
| VAGAS DISPONÍVEIS | 7,50% | 4,44% | 3,23% | 6,25% |

Quadro 10. Motivo de escolha do Curso de Serviço Social

FONTE: Adaptado da Assistência Estudantil UFF/Campos, 2018

Apesar dos dados sinalizados no quadro 10 e da ampliação do acesso a tecnologias de informação que permitem pesquisar a respeito de futuras carreiras profissionais e realizar “escolhas”⁷ com mais informação e conhecimento a respeito da profissão pretendida, é necessário problematizar os significados atribuídos pelos estudantes a “identificação com o curso”.

Escolhido o curso e estando apto a cursá-lo através do processo seletivo, o aluno adentra num mundo novo, desconhecido, com a possibilidade de interação com práticas culturais mais legítimas (PORTES, 2006). Os contatos em sala de aula, as novas amizades, a participação em projetos e as novas leituras, dentre outros, têm sido capazes de levar os alunos a ressignificarem à profissão escolhida. Essas possibilidades e outras compreensões são construídas no cotidiano acadêmico, através de vivências que devem priorizar a participação e o debate dos discentes nos mais diversos espaços da Universidade.

III CONCLUSÃO

De forma geral, este artigo apontou para um perfil majoritário de estudantes do sexo feminino, com faixa etária entre 16 a 19 anos, que se autodeclaram “pardos” e “negros” seguido de um quantitativo também considerável dos que se autodeclaram “brancos”.

⁷ Falar globalmente de “escolha” implica ocultar questões que envolvem as condições social, econômica e cultural da família e o histórico de escolarização do candidato. Para grande maioria das pessoas não existe “escolha”, mas adaptação/ajuste a sua realidade (ZAGO, 2006).

Além disso, esses discentes, em sua maioria, não possuem filhos e cerca da metade advém da Cidade de Campos e a outra metade de outras localidades. Ainda é preciso destacar que são estudantes em tempo integral e que suas famílias recebem até 03 salários. Quanto à escolha do Curso, ressaltam ter optado pelo Serviço Social pela identificação com o mesmo.

Esses dados sinalizam para a condição de classe das famílias desses estudantes e que os estudos dos jovens universitários do curso de Serviço Social da UFF/Campos têm sido uma de suas prioridades, ainda que possuam poucos recursos financeiros.

Fator que provavelmente contribui para a eleição dessa prioridade é que, muitos desses estudantes são os primeiros de suas famílias a acessarem o ensino superior, através de algumas políticas criadas e implementadas pelos Governos brasileiros na entrada dos anos 2000. O SISU – Sistema de Cotas, é a principal expressão dessas políticas e responsável pelo acesso da maioria dos discentes do curso de Serviço Social da UFF/Campos ao longo dos anos de 2015 a 2017.

Além disso, os dados apontam que os gastos financeiros com material escolar, transporte, alimentação, etc., tornam tais discentes potenciais usuários da Assistência Estudantil da Universidade em busca de bolsas de permanência no ensino superior.

Ao associar esse dado a esse que aponta que cerca da metade desses estudantes não são advindos da Cidade de Campos/RJ, observa-se que esses discentes, embora muitas vezes, incentivados pelas famílias para permanecer e concluir o ensino superior, também enfrentam dificuldades emocionais, em função da distância com a família de origem, das novas responsabilidades assumidas com a nova etapa da vida, com o desejo de atender as expectativas criadas pela família, articulados às novas exigências demandadas pelo ensino superior e à falta de recursos financeiros para se manter na Universidade. Esses elementos podem contribuir para o crescimento do adoecimento dos estudantes do Ensino Superior e, particularmente, os do Curso de Serviço Social da UFF/Campos.

Além desses aspectos, verifica-se em comparação com as pesquisas realizadas nos anos 2000 e 2011, a permanência de algumas características do perfil do aluno do Curso de Serviço Social, tais como: sexo, estado de origem e rendimento familiar. Por outro lado, observa-se significativas mudanças relativas à faixa etária mais jovem; ao aumento no número de estudantes que se autodeclaram “pardos” e “negros”; aumento no número de discentes que não são provenientes de Campos dos Goytacazes; diminuição significativa no número de estudantes que trabalham, ainda que suas famílias recebam, no máximo, 03

salários mínimos; modalidade de ingresso na Universidade pelo SISU; e escolha do curso de Serviço Social através de identificação com o mesmo.

A respeito da identificação com o curso, como sinalizado ao longo do artigo, essa precisa ser problematizada, contudo, a origem social desses discentes, sua condição de classe e o acesso às tecnologias de informação podem contribuir para o acesso à profissão, seja como usuários do Serviço Social ou por ter proximidades a usuários, seja por meio de informações propagadas a respeito da profissão nos meios de comunicação.

E mais: a identificação dos ingressantes com o curso de Serviço Social é diferenciador para construção do profissional com perfil intelectual ao longo da graduação. E isso, mediante dificuldades e desafios que a Universidade pública tem enfrentado, torna-se elemento motivador àqueles que desejam construir uma profissão com qualidade, crítica e fundamentada nos princípios ético-políticos edificados pelo Projeto profissional atual.

Por fim, os dados apontam para um perfil básico dos alunos definido por um claro pertencimento a uma classe social menos favorecida economicamente e atravessada pela marca de pertencimento a condição negra, que no Brasil, assim como em algumas outras partes do mundo, configura condições de vida cheias de limitações a mobilidades sociais verticais. Assim, é possível concluir sobre o grau de importância da universidade pública brasileira e, mais especificamente em relação a esta pesquisa, do curso de Serviço Social em Campos dos Goytacazes, para o processo de construção de alternativas de vida e diminuição de desigualdades sociais, pela via da formação profissional de nível superior e pela apresentação de alternativas ao ingresso no mercado de trabalho. Mas, também é importante destacar a necessidade de garantia de recursos para avanços maiores sobre essas visíveis contribuições.

Há, ainda que se observar que, o avanço da reestruturação produtiva de corte neoliberal, tem marcado aqueles que dependem da venda de sua força de trabalho para viver, a partir de um desenho em que a heterogeneidade de classe adquire contornos advindos das formas de precarização em que está inserida, de formas de sofrimento psíquico e, perda de direitos sociais, fortalecendo a compreensão de que a mediação da educação pública e da oferta de emprego de qualidade são imprescindíveis a garantia de condições de vida mais éticas para este segmento social.

IV REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL.
Diretrizes gerais para o curso de Serviço Social — 1996. Disponível

em:<http://www.abepss.org.br/briefing/graduacao/Lei_de_Diretrizes_Curriculares>. Acesso em: 11 nov. 2011.

CARDOSO, R. C. L.; SAMPAIO, H. Estudantes universitários e o trabalho. RBCS, n° 26, outubro de 1994.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. Assistentes sociais no Brasil: elementos para o estudo do perfil profissional. CFESS, Brasília, maio 2005.

FREIRE, P. Educação como prática da Liberdade. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1980.

IAMAMOTO, M. V. A formação acadêmico-profissional no Serviço Social brasileiro. Serviço Social & Sociedade, São Paulo, n. 120, p. 609-639, out./dez. 2014.

JUNCA, D. C de M.; PAIXÃO, R. M. M. Perfil dos acadêmicos do Departamento de Serviço Social de Campos. Relatório de Projeto de pesquisa apresentado ao Departamento de Serviço Social de Campos, Campos dos Goytacazes, mar. 2000.

LIMA, R. de L. de. Formação profissional em Serviço Social e gênero: algumas considerações. Serviço Social & Sociedade, São Paulo, n. 117, p. 45-68, jan./mar. 2014.

MORAES, C.A.S. DA “UNIVERSIDADE” DOS SABERES AOS SABERES DA “UNIVERSIDADE”: o perfil sócio-econômico-cultural dos acadêmicos de Serviço Social de Campos e os fatores que incidem em sua formação profissional. Relatório de pesquisa apresentado ao Departamento de Serviço Social de Campos, Campos dos Goytacazes, jun 2011.

PIANA, M. C. A construção do perfil do assistente social no cenário educacional. [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 233 p. ISBN 978-85-7983-038-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

PORTES, E. A.. Algumas dimensões culturais da trajetória de estudantes pobres no ensino superior público: o caso da UFMG. R. Bras. Est. Pedag., Brasília, v.87, n. 216, p. 220 – 235, maio/ago, 2006.

PRADA, T.; GARCIA, M. L. T. Perfil das assistentes sociais dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia do Brasil. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 129, p. 304-325, maio/ago. 2017.

ZAGO, N. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. Revista Bras. de educação, v. 11, n. 32, maio/ago, 2006.